



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Gabinete da Deputada Federal Paula Belmonte – CIDADANIA/DF

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

REQUERIMENTO Nº , DE 2021

(Da Sra. PAULA BELMONTE)

Requer a realização de audiência pública para debater os impactos que a **dermatite atópica** acarreta na parte emocional e educacional das crianças, adolescentes e jovens na vida escolar.

Senhor Presidente:

Requeiro a Vossa Excelência, com fundamento no art. 255, a realização de reunião de audiência pública para debater os impactos que a **dermatite atópica** acarreta na parte emocional e educacional das crianças, adolescentes e jovens, contribuindo, muitas vezes, para o absenteísmo ou para o atraso escolar.

Assim, sugiro a participação de representantes das seguintes entidades:

1. **Associação de Pacientes: Bruna Rocha – Crônicos do Dia a Dia (CDD)** - Gerente Geral na CDD, associação de pacientes que também se dedica ao tema da dermatite atópica e atendimento das necessidades do paciente. Pesquisadora Publicitária, mestre em comunicação social (PUCRS), doutora em Educação (UFRGS), Bruna é paciente (recebeu diagnóstico de esclerose quando tinha 14 anos), blogueira e militante no setor de saúde.



* C D B 2 1 9 5 6 9 4 5 6 1 0 0 *

2. **Paciente: Suzana Almeida – Paciente e professora** - Suzana de Almeida Costa Mesquita, 26 anos, mora em Brasília e é paciente de dermatite atópica desde a infância. Formada em pedagogia, Suzana escolheu a profissão com o objetivo de apoiar as crianças a protagonizarem suas próprias histórias, revivendo um dos maiores desafios que enfrentou em sua jornada com dermatite atópica: a vida escolar. Em 2017, Suzana criou o @minhavidacomdermatite, um Instagram onde compartilha sua experiência com a DA. A ideia surgiu pelo desejo de se conectar com outras que convivem com a mesma condição a partir da internet, formando uma rede de apoio, e também pelo desejo de compartilhar sua jornada de autoaceitação.
3. **Sociedade Médica: Ariana Yang – Médica alergista e imunologista.** Doutora em Ciências pela USP. Coordenadora dos ambulatórios de Alergia Alimentar, Esofagite eosinofílica e Dermatite Atópica do Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do HC – FMUSP. Médica Assistente do Serviço de Alergia e Imunologia da UNICAMP. Diretora na ASBAI-Regional SP. Diretora clínica do Instituto de Alergia Campinas (IAC).
4. **Especialista em Bullying: Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva** - Médica psiquiatra, autora da cartilha *Antibullying*, 2010, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), direcionada a profissionais da educação. Médica graduada pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) com residência em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nascida na cidade do Rio de Janeiro, Ana Beatriz é referência nacional no tratamento dos transtornos mentais. Atende pacientes em consultório, realiza palestras, conferências, consultorias e entrevistas nos diversos meios de comunicação sobre variados temas do comportamento humano e é autora de diversos livros.



JUSTIFICAÇÃO

A **dermatite atópica** (DA) é uma doença genética e causada por reações exageradas do sistema imunológico, levando o paciente a ter uma pele seca e inflamada, com descamação, vermelhidão, coceira muito intensa e feridas que, em alguns casos, chegam a infeccionar.

Nos casos moderados e graves, a coceira e as lesões causam tanto desconforto que os pacientes chegam a ter dificuldades até para dormir, sair de casa e fazer atividades simples da rotina, como escolher uma simples roupa.

Assim, o estado emocional dos pacientes com dermatite atópica é afetado pelo constrangimento e pelo estigma causados pela aparência das lesões. Essas pessoas podem ficar impacientes com o desconforto que as horas seguidas de coceira proporcionam e com outras questões que afetam negativamente em sua vida profissional e social. **Os sintomas físicos visíveis são apenas parte da história de muitos desses pacientes.**

Fator importante que a sociedade precisa conhecer, é que **dermatite atópica** atinge até **20% das** crianças e até 3% dos adultos. Por conta dessa forte incidência na infância, a doença normalmente é associada apenas às crianças. De fato, cerca de **85% dos pacientes apresentam os primeiros sinais da doenças antes dos cinco anos**, ou seja, ainda na fase da **primeira infância**¹.

Durante os primeiros anos de vida de um paciente com dermatite atópica, os pais e outros cuidadores, como avôs e babás, são os responsáveis pelos cuidados e tratamento com os filhos. Explicar para as crianças a importância da hidratação constante da pele, às vezes por mais de uma vez ao dia, e do uso dos medicamentos tópicos indicados é fundamental



¹<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-da-pele/coceira-e-dermatite/dermatite-at%C3%B3pica-eczema>

Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Paula Belmonte

Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD219569456100>



para a adesão ao tratamento, por mais que a criança considere essa rotina chata ou cansativa.

Além disso, o papel da família é primordial para apoiar a criança nos desafios encontrados no dia-a-dia. Geralmente, as crianças que têm dermatite atópica apresentam traços de tristeza, depressão e até mesmo estresse, causado pela coceira e pelas feridas, já que incomodam até mesmo durante o sono. Elas também podem ficar aborrecidas porque, às vezes, sofrem discriminação por causa das lesões da pele, que muitas vezes se tornam feridas com secreção de pus.

Por isso, é importante que os pais ou responsáveis tenham um acompanhamento escolar muito próximo, com agentes que atuam diretamente na escola ou creche em que a criança esteja matriculada, minimizando os impactos emocionais e interrelacionais que esta doença normalmente causa, visto que, na grande maioria das vezes, leva a casos de afastamento da criança do convívio com seus colegas, seja por brincadeiras de mau gosto (*bullying*), desinformação sobre a própria doença e até mesmo vergonha do próprio paciente. Ademais, é necessário conscientizar os próprios educadores da necessidade de que o tratamento realizado em casa, muitas vezes deve ser dado continuidade nos horários em que a criança encontra-se na escola ou na creche, para que não sofra interrupção ou retardamento dos resultados de um tratamento eficiente.

Ainda, ressaltamos que muitos adolescentes também sofrem com essa doença. É sabido que a adolescência é o período de transição da infância para a vida adulta e que se caracteriza pela mudança no desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social. No entanto, para alguns jovens, a realidade pode ser ainda mais difícil que o normal: a associação de uma doença crônica, como a dermatite atópica, com outros obstáculos enfrentados na fase da adolescência pode estabelecer sensações de desânimo, fracasso, raiva, vergonha, perda de autoestima, chegando até mesmo ao risco de se desencadear uma depressão profunda. Indiscutivelmente, esses fatores interferem na vida deste adolescente, cujos



reflexos e traumas, se não foram corretamente administrados, terão sérios reflexos no futuro.

Por fim, não se pode olvidar que as consequências de tudo isso atingem não somente a criança, o adolescente ou o jovem, mas todo o grupo familiar em volta.

Segundo reportagem² do “O Estado de S. Paulo”, pessoas entre 14 a 17 anos de idade perdem em média 26 dias escolares por conta da dermatite atópica. Quadros de depressão estão presentes em mais da metade (52%) dos adolescentes com DA e 39% deles relatam ter sido vítimas de bullying por causa da DA em algum momento da vida. Durante as crises, 50% dos adolescentes com DA se preocupam sobre serem vistos em público e 36% dizem que têm sua autoconfiança abalada.

O especialista Lincoln Fabricio ressalta ainda que a DA atinge diretamente a autoestima dos jovens em um momento no qual o convívio social é intensificado.

De acordo com a reportagem³ da publicitária Simone Bispo, publicada na “VIVABEM”, da UOL:

“As lesões provocadas por causa da coceira mudam a aparência da pele, o que pode gerar transtornos de autoestima, bullying, redução da socialização e preconceito. Segundo a pesquisa do Instituto Ipsos, 35% dos pacientes com dermatite atópica já sofreram algum tipo de discriminação. O problema ocorre em ambientes variados, como no transporte coletivo (49%), no local de trabalho (44%) e em escolas ou faculdades (34%). Quadros de depressão estão presentes em mais da metade dos adolescentes com dermatite atópica e 39% deles relatam ter sido vítimas de bullying por causa da doença em algum momento da vida. Durante as crises, 50% dos adolescentes se preocupam em serem vistos em público e 36% dizem que têm sua autoconfiança abalada. Além disso, 1 em cada 10 entrevistados pelo Instituto Ipsos já

2 <https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,dermatite-atopica-em-adolescentes-esta-associada-a-depressao-e-bullying,70002983020>

3 <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/dermatite-atopica-os-impactos-fisicos-e-mentais-da-doenca-de-pele/#page10>



perdeu a vontade de viver em decorrência da doença.

Em seus oito anos convivendo com a dermatite atópica, Simone —que também foi diagnosticada com transtorno de ansiedade e faz tratamento com psicoterapia— conta que o que mais a incomoda é o olhar julgador de algumas pessoas.” (grifo nosso)

Está claro que as consequências psíquico-emocionais que a dermatite atópica causa nas crianças, nos adolescentes e nos jovens, cujos reflexos, na maioria das vezes, serão percebidas na fase adulta desses pacientes, mantendo-se uma estreita relação com a evasão escolar (absenteísmo educacional), *bullying*, desenvolvimento de depressão, entre outros problemas, e que a sociedade precisa estar atenta, pois é uma doença mais comum do que se pensa.

Pelo exposto, contamos com o apoio dos nobres Pares para a aprovação deste nosso requerimento, o qual contribuirá para trazer maior atenção e conscientização sobre a dermatite atópica e seus impactos, bem como para “desmistificar” o preconceito que a sociedade tem com os portadores de doença.

Sala da Comissão, em de de 2021.

Deputada **PAULA BELMONTE**

